

SABER LER E ESCREVER

Comunicar com os agricultores

Maria Inês Mansinho

Resumo O texto incide sobre os meios de informação preferenciais dos públicos agrícolas e, em particular, sobre a relação que estes mantêm com a leitura, especialmente com a leitura de carácter técnico. Situado o problema a partir de fontes documentais, comentam-se os resultados de um inquérito por questionário aplicado a agricultores em várias regiões do país, e toma-se como caso-estudo a estratégia editorial de uma publicação agrícola de circulação controlada. Procura-se ilustrar a forma como os agricultores, diferenciados por critérios pessoais e por critérios que têm a ver com o seu agregado familiar, a sua exploração agrícola e até a região onde vivem, se relacionam com circuitos de informação e práticas culturais. Identificam-se as variáveis que melhor circunscrevem nos contextos agrícolas a apetência de ler e as temáticas mais atractivas; assinala-se, do lado de oferta, a insuficiência de meios de informação dirigida às regiões rurais; analisam-se formas eficazes de que a imprensa de carácter técnico se pode revestir.

Palavras-chave leitura; agricultores; informação agrícola.

To turn a page of a book is to open a window on the world.
[David Blunkett]

O presente texto¹ foi suscitado por um outro, mais restrito, elaborado no quadro de um seminário sob o tema “Os agricultores e a informação”,² e que consistia numa reflexão acerca da forma como os agricultores reagem às práticas de informação através da imprensa periódica de carácter técnico, ao mesmo tempo que esclarecia os constrangimentos de um modelo de divulgação desta natureza.

Dois tipos de preocupações, de características diferentes, decorrem da reflexão então efectuada:

- uma primeira é a questão de saber quais os veículos de informação preferenciais para chegar aos agricultores, em particular qual a relação que mantêm com a leitura. Os dados disponíveis parecem remetê-los para os mais altos níveis de iliteracia. Como se situa nesse contexto a relação dos agricultores com a informação que, de várias maneiras, lhes é transmitida?
- uma segunda questão é a da *linguagem* — em sentido lato — a utilizar na informação difundida. É, situando-nos, de algum modo, do lado da oferta, avaliar as estratégias de difusão da imprensa, em especial da de carácter técnico, perceber quais, dentre os seus públicos, são mais tocados pelas mensagens que transmite.

O texto que se segue desenvolve-se ainda em torno destas duas preocupações, mas tem, na realidade, três partes que correspondem a diferentes abordagens metodológicas.

Numa primeira parte — “O que lêem os agricultores” — coloca-se a questão com alguma generalidade, invocando estudos feitos e recorrendo, portanto, fundamentalmente a fontes documentais.

Numa segunda parte — “Os agricultores e a informação: resultados de um inquérito” — comentam-se os resultados de um inquérito por questionário, efectuado em 1997, no âmbito do Departamento de Economia Agrária e Sociologia Rural do Instituto Superior de Agronomia.

Numa terceira parte — “Percursos da imprensa periódica de carácter técnico” — abordam-se, através de um *estudo de caso*, as estratégias de difusão da informação escrita e avaliam-se alguns dos seus resultados.

Antes, porém, de qualquer outro desenvolvimento, há que esclarecer o sentido atribuído aqui à palavra “leitura”, ou seja, os contornos precisos do conceito que queremos ver operacionalizado.

Emprega-se o conceito de leitura na sua mais vasta acepção: ler não importa o quê, *saber descodificar a palavra escrita* na vida prática, na actividade profissional, na actividade lúdica. Estamos assim muito próximos do conceito de “literacia” definida exactamente como “a capacidade de processamento da informação escrita na vida quotidiana”.³ Parafraseando o coordenador do Ano Nacional da Leitura (1998) na Grã-Bretanha: “Não nos interessa o que as pessoas lêem: pode ser jornais, revistas, uma página da internet, ou o fundo da embalagem dos *cornflakes*.”⁴

Apreciar a relação dos agricultores com a informação, com destaque para a que é apreendida através da leitura, é situarmo-nos assim a meio caminho, entre os estudos que procuram estabelecer uma conexão entre a informação recebida pelos agricultores e o processo de tomada de decisões ao nível da empresa agrícola,⁵ e aqueles que reportam essencialmente o lado “cultural” — no sentido etnológico — da leitura.⁶

O que nos interessa, sobretudo, é caracterizar o grau de isolamento cultural de quem está ligado de alguma forma à gestão de uma empresa agrícola (e há muitas maneiras de estabelecer essa ligação, e muito diferentes umas das outras), bem como identificar os principais vectores de penetração no seu “mundo”. Esse “mundo” já não é o do alheamento absoluto das grandes questões da realidade contemporânea, embora possa trazer os estigmas de um considerável subdesenvolvimento. Tem-se escrito muito sobre as transformações das sociedades rurais em Portugal e sobre a mudança tecnológica da agricultura, mas há poucas referências concretas relativas à forma como o agricultor ligado ao seu “ofício” estabelece pontes com o exterior através de diferentes suportes de informação e acerca daquilo que passa através dessas pontes, ou seja, ao tipo de informação que selecciona. É neste campo que o presente estudo se inscreve.

Desta perspectiva também decorre que se privilegiou aqui, sem, no entanto, a excluir de uma envolvente mais global, certo tipo de informação, de uma forma genérica designada por informação técnica.⁷ O privilégio dado à informação de

que o agricultor precisa para o seu trabalho não se envolve, como já referimos, nos aspectos mais específicos dos processos de tomada de decisão. Fica sempre aquém deles, no limiar daquilo que se poderia chamar a “consciência profissional” do agricultor.

Um outro aspecto que se deve salientar, para definir com mais precisão o alcance do trabalho levado a cabo, é que não se saiu, em regra, dos registos descritivos. Com algumas interpretações sobre o significado dos resultados obtidos, não se atingiu a dimensão que trabalhos etnológicos e sociológicos poderiam trazer ao esclarecimento do “diferencial cultural cidade/campo” que, também entre nós, “permanece um enigma”.⁸

O que lêem os agricultores

A iliteracia

Começemos por ver que é entre os agricultores, e, em geral, entre aqueles que vivem em meios rurais, que se registam os mais elevados níveis de iliteracia.

Mesmo aqueles que têm alguma instrução, porque “andaram na escola”, não é certo que tenham tido algum aproveitamento, ou que não tenham perdido, com o tempo e o “não uso”, a habilidade de ler.

Um estudo recente, a que já nos referimos,⁹ fala a propósito disto de “analfabetismo funcional”, mais visto pelo lado “do *uso* das competências adquiridas” do que “pelo da sua obtenção”, ou seja, precisamente de iliteracia.

Os autores, recorrendo a métodos de avaliação directa das competências de leitura, escrita e cálculo na população portuguesa adulta — no quadro de um recomendado “pluralismo metodológico”¹⁰ —, estabelecem cinco níveis de literacia, numa escala de dificuldade que vai do nível 0 ao nível 4.¹¹

Nesta escala, “é nas classes sociais ligadas à agricultura (camponeses e assalariados agrícolas) que se verificam níveis mais baixos de literacia: o conjunto dos níveis 0 e 1 abrange 80% dos indivíduos”.¹² Apreciando os resultados agora em função do *habitat*, os mesmos autores afirmam: “É também visível que os indivíduos das zonas predominantemente rurais, como sejam os que vivem em aldeias ou isolados, têm os mais fracos perfis de literacia. Distribuem-se no fundamental pelos níveis 1 e 2, apresentando igualmente percentagens significativas no nível 0, sobretudo nas aldeias.”¹³

A monografia, efectuada no âmbito do mesmo estudo,¹⁴ sobre uma população de agricultores é igualmente clara: está-se perante “um grupo que revela desinteresse pelo uso da escrita, no seio do qual a literacia não é valorizada, nem considerada essencial”.

Tendo o cuidado de realçar, como o fazem, de resto, os autores em referência, que “nem as pessoas pouco ou nada escolarizadas são culturalmente vazias, nem as escolarizadas são meros produtos da cultura letrada”, todas as conclusões parecem, no entanto, apontar para o facto de que os agricultores, em geral pouco escolarizados, são também, na sua maioria, fortemente iletrados. Terão, por isso,

desenvolvido estratégias de informação e comunicação alternativas, fundamentalmente centradas na oralidade.

Um grande afastamento da leitura

Se tomarmos agora um outro percurso e olharmos para os resultados dos dois inquéritos realizados aos hábitos de leitura dos portugueses,¹⁵ vemos que, qualquer que seja o indicador utilizado, os agricultores revelam um grande afastamento das práticas de ler.

À distância de alguns anos, a respectiva posição relativamente aos hábitos de leitura não se alterou substancialmente.

Começemos pelo primeiro Inquérito.¹⁶

Aqui, os autores fazem logó de início a distinção entre três tipos de leitura: a “leitura cumulativa”, que traduz “uma prática consolidada” de ler; a “leitura parcelar”, que “indicia um convívio esquivo” com a leitura; e “a não leitura”, representada por aqueles que, tendo embora “competência de leitores”, porque “sabem ler”, lêem apenas coisas indispensáveis à sua vida quotidiana.

É muito marcada, dizem os autores, a diferença em relação a estes três tipos de leitura consoante a profissão exercida pelo inquirido, sendo “o alheamento da leitura mais acentuado no grupo dos agricultores”: mais de cinco em dez são considerados “não leitores”, quatro em dez declaram ter um tipo de leitura classificada como “parcelar” e só 0,5 em dez se integram na categoria “leitura cumulativa”.

Tendo em conta que, dentre as variáveis explicativas das práticas de leitura, aquelas que são consideradas mais relevantes são “a idade” e “o nível de instrução do próprio” e “do pai”, e considerando ainda que há uma correlação positiva entre “a não leitura” e, por um lado, “níveis etários mais elevados” e, por outro, “níveis mais baixos de escolaridade” — nos quais os agricultores estão demograficamente muito representados —, é “natural” que, para eles, o balanço final em relação àquelas práticas seja muito desfavorável.

Se considerarmos em separado os vários tipos de impressos (livros, jornais e revistas), a posição dos agricultores não melhora. Só 5% declaram ler livros, sendo que na escala estabelecida para os “grandes leitores”¹⁷ os agricultores constituem a única profissão com um valor absolutamente nulo. Bem melhor representados na categoria dos “pequenos leitores”,¹⁸ lêem, porém, muito pouco jornais,¹⁹ muito menos do que qualquer dos outros grupos socioprofissionais. Quanto à leitura de revistas, a agregação proposta pelos autores, que junta numa só categoria as revistas técnicas e as científicas, não constituiu uma boa estratégia para apreciar aquela que talvez pudesse ser a única valência positiva dos agricultores, ou seja, a sua apetência para ler “coisas” técnicas relativas à sua actividade. Com a agregação proposta, só 2% dos inquiridos lêem “revistas técnico-científicas”.²⁰

Mal colocados estão também os agricultores quanto à frequência de bibliotecas²¹ e de livrarias.²²

“Trata-se, em suma”, e voltamos a citar, “[de pessoas] que não são capazes de ler depressa e muito, que se embaraçam com vocábulos desconhecidos, com

elementos para eles insólitos [...] com enredos que os obrigam a estabelecer relações complexas e memorizações particularmente árduas quando, por falta de tempo e cansaço, têm de interromper a leitura.”

Os resultados do segundo inquérito aos hábitos de leitura vão mostrar-nos de novo a posição desconfortável que os agricultores têm em relação a esses hábitos, fornecendo-nos, entretanto, informação mais detalhada em relação a outras práticas culturais, nomeadamente ao visionamento.²³

Se “ler” e “ver televisão” parecem estar correlacionados negativamente, não é de estranhar que os agricultores sejam grandes apreciadores de televisão: 96% das famílias dos agricultores inquiridos fazem parte das audiências diárias de televisão, sendo que cerca de 56% declaram dedicar-lhe um período de tempo que vai de uma a quatro horas por dia.

Quanto à audição de rádio (em cuja clientela estão mais representados os homens e os mais novos), cerca de metade dos agricultores inquiridos declara ser uma sua prática quotidiana.²⁴

Só 21% do total lêem, entretanto, diariamente jornais diários e 73% dizem “raramente ou nunca” ler semanários. Este inquérito confirma ainda os agricultores fundamentalmente como “não leitores” de livros: 68% “raramente ou nunca” os lê, sendo idêntica a posição no que respeita à leitura de revistas.²⁵ A relação com outras actividades que também têm a ver com a leitura, como a frequência de bibliotecas,²⁶ o acesso a livrarias²⁷ e ainda o facto de os agricultores terem níveis de “relacionamento primário”²⁸ com a leitura fracos ou muito fracos, permite-nos finalmente estabelecer os contornos deste “retrato de família” que se destaca dos resultados dos inquéritos citados: não completamente alheados do “mundo”, já que vêem televisão e ouvem rádio, os agricultores mantêm, de facto, com a leitura uma relação difícil.

Esta relação talvez tenha, sobretudo, a ver com as características globais do meio social onde se encontram inseridos, tal como sucede relativamente às elevadas taxas de analfabetismo (que correspondem genericamente a uma “taxa de não leitura básica”) e que andam geralmente “associadas a uma população idosa, residente no interior do país, onde predominam condições de baixos recursos económicos e envolvimento na actividade agrícola”.²⁹

Refazer o “retrato de família”

Uma das nossas objecções à “imagem” dos agricultores que decorre dos estudos efectuados é que ela é essencialmente “corporativa”, juntando num mesmo grupo “socioprofissional” pessoas que são, na realidade, “profissionalmente” muito diferentes. Não há medida comum entre o pequeno agricultor que vive numa isolada região do interior do país, em registo de semiautarcia, e aquele que foi, durante muitos anos, presidente da Confederação dos Agricultores de Portugal, professor catedrático e reitor da Universidade de Lisboa.

Falamos de extremos, bem entendido, o mesmo se podendo certamente dizer relativamente a outros grupos socioprofissionais, que por si só não podem, na realidade, explicar nada. Não queremos com isto dizer que são grosseiras as

apreciações feitas pelos autores dos estudos sobre a leitura, em cuja perspectiva se perfila, de resto, uma componente de percepção global, sociologicamente relevante, na qual o grupo de pertença socioprofissional é apenas uma das variáveis consideradas.³⁰

Mas a interpretação destes resultados, sobretudo se for feita de forma descontextualizada, pode incorrer no perigo de homogeneizar o que não é homogêneo: foi por isso que se achou necessário aprofundar as relações que os agricultores — diferenciados por critérios que têm a ver com a sua pessoa, o seu agregado familiar, a sua exploração agrícola e, até, com a região onde vivem — mantêm com os vários circuitos de informação e práticas culturais. Veremos, no que se segue, alguma coisa a este respeito.

Os agricultores e a informação: resultados de um inquérito

Introdução

O que procurámos relacionar foi, em especial, a idade, o grau de instrução,³¹ o estatuto socioprofissional,³² a dimensão do negócio e a sua especialização³³ com os circuitos de informação/práticas culturais (leitura, televisão, rádio, etc.) a que os agricultores dizem recorrer.

Foi assim elaborado um questionário simples, com perguntas maioritariamente fechadas ou precodificadas, que se lançou em circunstâncias muito particulares, embora não originais,³⁴ através de alunos do Instituto Superior de Agronomia,³⁵ em regime de estrito voluntariado. Aproveitaram-se as férias da Páscoa (1997), que muitos deles passavam fora de Lisboa, o que tornou possível realizar o inquérito em vários quadros regionais.

Apesar de terem sido inquiridos agricultores em 30 concelhos do país,³⁶ o número de questionários aplicados foi pequeno (52 casos). Decidiu-se assim recolher mais alguma informação numa zona particular do interior do país, onde muitos agricultores frequentavam os cursos de alfabetização de adultos, o que permitiria apreciar uma região onde o recurso à leitura parecia ser escasso, mas, em contrapartida, muito apreciado.³⁷

Entrevistaram-se assim ao todo 100 indivíduos, que, para efeitos de interpretação dos resultados, serão frequentemente separados em dois grupos de acordo com estas duas formas de aplicação do questionário: O *Grupo I* será constituído pelos agricultores inquiridos por alunos do ISA, em várias regiões do país, e o *Grupo II* pelos que foram entrevistados por agentes da CAE, na Beira Interior.³⁸

A amostra constituída não garante, portanto, qualquer representatividade, não sendo assim generalizáveis as conclusões tiradas a propósito da população inquirida. Mas podem ilustrar-se certas tendências e evidenciar alguns contrastes. Da heterogeneidade sairão talvez alguns comportamentos típicos, diferenciados em função de certas características, que poderão servir como hipóteses, facultar pistas para novos estudos, ou alimentar algum debate.

O questionário

Preparado na sequência de uma série de entrevistas a famílias de agricultores, o questionário, oportunamente submetido a pré-teste, incluía duas partes: a primeira dizia respeito aos circuitos de informação/práticas culturais e a segunda continha dados relativos ao inquirido, ao respectivo agregado familiar e à exploração agrícola.

O primeiro grupo de perguntas respeitava à leitura, continha questões relativas a vários tipos de impressos, e permitia registar comentários adicionais feitos pelo inquirido. Perguntava-se expressamente se conhecia algumas publicações destinadas aos agricultores e, em caso afirmativo, era pedida a respectiva identificação; fazia-se a mesma coisa em relação a programas de rádio. Quanto à prática de ver televisão, punha-se uma série de hipóteses, relativas a certos programas, mas abria-se no final um espaço que permitia livre expressão sobre esta matéria. Por último, queria saber-se se o inquirido utilizava computador na sua exploração e, em caso afirmativo, com que objectivos.

A segunda parte do questionário envolvia, primeiro, questões sobre a localização da residência e da exploração do inquirido e, logo a seguir, questões sobre aquilo que designaremos por “estatuto” socioprofissional do agricultor, sobre a idade, a escolaridade³⁹ e a composição do agregado familiar. Em particular, eram solicitadas informações sobre os níveis de escolaridade dos filhos: uma das nossas hipóteses era, como dissemos, a de que a convivência dos pais com filhos que frequentavam, ou tinham frequentado, escolas seria capaz de desencadear motivações antes ignoradas para a leitura ou outras práticas conexas. Relativamente à exploração agrícola, além da área, queria saber-se que actividades eram prosseguidas e, dentre elas, qual a considerada pelos inquiridos actividade principal. Por último, indagava-se da ligação do inquirido a associações socioprofissionais e a cooperativas agrícolas.

Resultados

A população inquirida

Alguns comentários gerais podem fazer-se em primeiro lugar sobre a população inquirida.

Trata-se, antes de mais de pessoas ligadas à agricultura de uma forma muito integrada no seu quotidiano: quase todas, mesmo as que declararam ter, além da agricultura, outras actividades, vivem na mesma freguesia onde está localizada a exploração. São só oito as excepções e, mesmo nestes casos, residência e exploração estão localizadas no mesmo concelho ou em concelhos muito próximos, situação onde só se encontram três dos inquiridos, todos, entretanto, “agricultores a título principal”.

O segundo aspecto a salientar é que se trata de inquiridos maioritariamente do sexo masculino: são só cinco as mulheres agricultoras inquiridas, pelo que a diferenciação por sexos não poderá constituir critério relevante para apreciar a diversificação das práticas culturais.

Quadro 1 Grupo 1: inquiridos por regiões

| Regiões(*) | n | % |
|-----------------------------|----|-----|
| Entre Douro e Minho | 6 | 12 |
| Beira Litoral | 5 | 10 |
| Trás-os-Montes e Alto Douro | 14 | 29 |
| Beira Interior | 7 | 14 |
| Ribatejo / Oeste | 10 | 20 |
| Alentejo | 3 | 6 |
| Açores | 4 | 8 |
| Total | 49 | 100 |

Nota: (*) coincidentes com as actuais direcções regionais de agricultura (no continente).

Quadro 2 Caracterização da população inquirida

| Inquiridos | | Actividade profissional (N ₁ =49; N ₂ =36) | | Idade (N ₁ =46; N ₂ =35) | | |
|-----------------------|-------------------------------------|---|----------------------|---|---|---|
| | | Actividade principal agricultura | Outras | ≤42 | 43-65 | ≥65 |
| Grupo I (49 inq.) | n ₁ % | 33 67,3 | 25 51,0 | 11 23,8 | 30 66,2 | 5 10,9 |
| Grupo II (36 inq.) | n ₂ % | 24 66,6 | 11 30,6 | 8 22,8 | 21 60,0 | 6 17,1 |
| Total (85 inq.) | n ₁ +n ₂ % | 57 67,0 | 36 42,4 | 19 22,4 | 51 63,0 | 11 13,6 |
| | | Nível de escolaridade (N ₁ =49; N ₂ =32) | | | | |
| | | Primária | Ciclo/ secundário | Médio/ superior | | |
| Grupo I (49 inq.) | n ₁ % | 31 63,2 | 12 24,5 | | | 6 12,2 |
| Grupo II (36 inq.) | n ₂ % | 22 68,8 | 8 25,0 | | | 2 6,0 |
| Total (85 inq.) | n ₁ +n ₂ % | 53 65,4 | 20 24,6 | | | 8 9,8 |
| | | N.º de pessoas do agregado familiar (N ₁ =49; N ₂ =35) | | | Escolaridade dos filhos (N ₁ =49; N ₂ =35) | |
| | | ≤2 | 3 | ≥4 | ≤12.º ano | >12.º ano |
| Grupo I (49 inq.) | n ₁ % | 13 26,5 | 14 28,6 | 22 44,9 | — n ₁ =26 | — n ₁ =13 |
| Grupo II (36 inq.) | n ₂ % | 10 28,6 | 14 40,0 | 11 31,4 | — n ₂ =10 | — n ₂ =3 |
| Total (85 inq.) | n ₁ +n ₂ % | 23 27,4 | 28 33,3 | 33 39,3 | — n ₁ +n ₂ =36 | — n ₁ +n ₂ =16 |

Nota: N₁=número de respostas no Grupo I; N₂=número de respostas no Grupo II; n₁=número de casos no Grupo I; n₂=número de casos no Grupo II.

Finalmente, 15 dos inquiridos não possuem qualquer grau formal de ensino, embora possam ter andado, ou ainda andem,⁴⁰ na escola. Por uma questão de coerência com o objectivo principal do inquérito, foram todos retirados do conjunto posteriormente analisado.⁴¹

Estes agricultores que nada lêem, ou que lêem muito pouco, ouvem, também pouco, rádio, e da televisão seleccionam sobretudo o telejornal e os programas de variedades.⁴² Imagem do país profundo, ou restos de um passado essencialmente centrado na exploração da terra, estes homens e mulheres, provavelmente inseridos em relações de vizinhança que lhes providenciam outro tipo de “informação”, estão ligados ao mundo exterior quase só através dos programas televisivos que vêem. E, mesmo assim, é curioso notar que um deles declarava que televisão “só de Inverno é que via”...

Façamos agora uma breve caracterização dos inquiridos que, em qualquer dos grupos considerados, são “formalmente” escolarizados.

No Grupo I os agricultores encontram-se, como dissemos, distribuídos por várias regiões (quadro 1): mais representadas estão as de Trás-os-Montes e do Ribatejo/Oeste, enquanto o Sul está nitidamente sub-representado. Se tomarmos, porém, duas grandes áreas (Interior *versus* Litoral), o que faz sentido no âmbito do presente trabalho, a distribuição dos inquiridos é mais equilibrada: 57% contra 43%, respectivamente. A consideração dos inquiridos do Grupo II introduz, entretanto, na amostra global novo enviesamento, com claro predomínio de casos recolhidos nas regiões do interior do país.⁴³

No quadro 2 estão presentes as características principais da população inquirida.

Para a maioria dos inquiridos (67%), a agricultura é a actividade principal,⁴⁴ sendo mesmo a única actividade profissional desenvolvida por mais de metade deles. Quase outros tantos (42%) têm, entretanto, outras actividades⁴⁵ distribuídas por vários sectores, com algumas diferenças entre os dois grupos.

Na estrutura etária de ambos os grupos dominam os agricultores de meia-idade (42-65 anos), que representam no total 63% dos inquiridos. Porém, os “jovens agricultores” estão mais representados no Grupo I, e os agricultores mais velhos,⁴⁶ no Grupo II.⁴⁷ Assim, no Grupo I a idade média é de 50 anos,⁴⁸ enquanto no Grupo II é de 54 anos.⁴⁹

Quanto à escolaridade, o nível mais baixo (instrução primária) domina um pouco mais acentuadamente no Grupo II, sendo inversamente, no Grupo I, maior a percentagem de inquiridos com curso médio ou superior.

No Grupo I, quase metade das famílias de agricultores inquiridos são constituídas por mais de quatro pessoas, enquanto no Grupo II os agregados familiares mais representados são os de três pessoas.

Apesar de em qualquer dos grupos os descendentes se terem maioritariamente restringido à escolaridade obrigatória, não ultrapassando em muitos casos a instrução primária, e tendo só algumas vezes chegado ao 12.º ano, no Grupo II os descendentes que ultrapassaram este nível são em número muito pequeno: apenas três inquiridos declararam ter filhos com estas habilitações.⁵⁰

Comparando resumidamente os dois grupos no que diz respeito às características inseridas no quadro 2, pode dizer-se que o Grupo II é constituído por uma

Quadro 3 Características das explorações agrícolas na população inquirida

| Inquiridos | | Dimensão da exploração (classes de área em ha) | | | | | | | | | |
|--|---|--|-------------------|--------------------|------------------|-----------------|-----------------|------------------|----------------|--------------------|------------------|
| | | <10 | ≥10-20 | ≥20-50 | ≥50-100 | ≥100 | | | | | |
| Grupo I (49 inquiridos) N ₁ =48 | n ₁ % | 28 58,3 | 6 12,5 | 7 14,6 | 2 4,2 | 5 10,4 | | | | | |
| Grupo II (36 inquiridos) N ₂ = 33 | n ₂ % | 16 48,4 | 5 15,2 | 7 21,2 | 4 12,1 | 1 3,0 | | | | | |
| Total (85 inquiridos) N ₁ +N ₂ =81 | n ₁ +n ₂ % | 44 54,3 | 11 13,5 | 14 17,3 | 6 7,4 | 6 7,4 | | | | | |
| | | Orientação do sistema de produção | | | | | | | | | |
| | | Pecuária | Agricultura | Agropecuária | | | | | | | |
| Grupo I (49 inquiridos) N ₁ =48 | N ₁ n ₁ % | 49 30 61,2 | 49 41 83,6 | 49 22 44,8 | | | | | | | |
| Grupo II (36 inquiridos) N ₂ =33 | N ₂ n ₂ % | 34 9 26,5 | 34 33 97,0 | 34 8 23,5 | | | | | | | |
| Total (85 inquiridos) N ₁ +N ₂ =81 | N ₁ +N ₂ n ₁ +n ₂ % | 83 39 47,0 | 83 74 89,2 | 83 30 36,1 | | | | | | | |
| | | Actividade principal | | | | | | | | | |
| | | Pecu- ária | Cult. arvenses | Activ. s/ terra | Viticol. | Olivicol. | Fruticol. | Horticol. | Outras | Asso. sociopro. | Sócios coop. |
| Grupo I (49 inquiridos) N ₁ =48 | N ₁ n ₁ % | 45 14 31,1 | 45 4 8,9 | 45 4 8,9 | 45 11 24,4 | 45 1 2,2 | 45 1 2,2 | 45 6 13,3 | 45 4 8,8 | 49 11 22,4 | 49 22 44,9 |
| Grupo II (36 inquiridos) N ₂ =33 | N ₂ n ₂ % | 32 6 11,8 | 32 3 9,3 | 32 0 0 | 32 4 12,5 | 32 5 15,6 | 32 6 18,6 | 32 6 18,2 | 32 2 6,3 | 32 2 6,3 | 32 14 43,7 |
| Total (85 inquiridos) N ₁ +N ₂ =81 | N ₁ +N ₂ n ₁ +n ₂ % | 77 20 25,9 | 77 7 9,0 | 77 4 5,2 | 77 15 19,4 | 77 6 7,7 | 77 7 9,9 | 77 12 15,7 | 77 6 7,7 | 81 13 16,0 | 81 36 44,4 |

Nota: N₁=número de respostas no Grupo I; N₂=número de respostas no Grupo II; n₁=número de casos no Grupo I; n₂=número de casos no Grupo II.

população relativamente mais idosa, mais exclusivamente agrícola, com níveis mais baixos de escolaridade (do próprio e dos filhos) e com agregados familiares mais pequenos.

Vejamos agora o que se passa em relação à exploração agrícola (quadro 3).

Mais representadas em qualquer dos grupos estão as explorações de pequena dimensão (até 10 ha). A área média por exploração era, não obstante, relativamente

elevada no Grupo I (56 ha),⁵¹ mas o valor mais frequente era 2 ha. No Grupo II, área média e valor mais frequente eram, respectivamente, 20 ha e 2 ha.

O Grupo I recobre assim, o que é natural pois se trata de explorações situadas em várias regiões, maior diversidade não só no que diz respeito à área,⁵² mas também no que toca à variedade de actividades agrícolas praticadas. Quanto à actividade agrícola principal mais representada, entre os agricultores do Grupo II, surge a olivicultura e a fruticultura, enquanto no Grupo I estão mais representadas a vinha e as actividades pecuárias. Globalmente, a actividade pecuária e agro-pecuária está mais presente no Grupo I, enquanto no Grupo II a orientação das explorações é mais vincadamente agrícola.

Práticas de leitura

A presença da leitura junto da população inquirida é, apesar de tudo, menos rarefeita do que os inquéritos nacionais faziam prever.

Façamos uma primeira abordagem da leitura considerando a posição dos inquiridos perante cada um dos tipos de impressos seleccionados (quadro 4). Três dentre estes congregam as preferências dos agricultores: em primeiro lugar, com 61% de leitores, temos os “jornais regionais e locais”; em segundo lugar (com 45%), vêm os “livros e revistas sobre agricultura” e, em terceiro lugar (com 40%), os “boletins paroquiais”. Aos “jornais diários” e aos “semanários” os inquiridos parecem também recorrer um pouco mais do que as conclusões dos inquéritos aos hábitos de leitura a que nos referimos evidenciam.⁵³

Apesar da adesão declarada aos “textos sobre agricultura”, o número de agricultores que diz conhecer, e é capaz de identificar, “revistas técnicas sobre agricultura” não é grande: apenas 33% dos agricultores inquiridos estão neste caso, sendo 14 as publicações identificadas.⁵⁴

Tomando em separado os dois grupos considerados, a posição relativa dos “jornais regionais e locais” e dos “textos sobre agricultura” não se altera, mas no Grupo II, destaca-se, a uma considerável distância de todas as outras publicações, a leitura do “boletim paroquial”.⁵⁵ Em contrapartida, neste grupo a adesão a publicações do foro “socioprofissional”, que já não era enorme no Grupo I, passa a ser diminuta. De resto, em globo, estas publicações só são lidas por 18% dos inquiridos. Se juntarmos a isso a baixa percentagem de ligação declarada a uma associação socioprofissional (16 % dos inquiridos),⁵⁶ temos de novo uma medida da “coesão activa” dos agricultores nos chamados “grupos de interesses organizados”, que mais uma vez aparece como confirmadamente baixa.

Apesar de não ter sido registado um grande número de comentários feitos pelos inquiridos às suas próprias práticas de leitura, alguns dão certamente o “tom” da marginalidade da leitura nas suas vidas e, simultaneamente, do valor que lhe é atribuído: “vou lendo qualquer coisa”, “aqui não há onde comprar essas coisas de ler”, “gostava de ler mais um bocadinho”, e finalmente o comentário, comovente, de um homem com 78 anos, que dizia “ainda não leio bem”.⁵⁷

A leitura dos “rótulos” dos produtos (fitofármacos, pesticidas e outros) utilizados pelos agricultores — um pouco surpreendentemente, face a resultados

Quadro 4 Práticas de leitura

| Inquiridos | | Diários | Semanários | Jornais region./locais | Associações socioprof. | Boletim paroquial | Agrícolas |
|-----------------------------|--------------------------------|---------|------------|---------------------------|---------------------------|----------------------|--------------------|
| Grupo I (49 inquiridos) | N ₁ | 49 | 49 | 49 | 49 | 49 | 49 |
| | n ₁ | 15 | 18 | 34 | 16 | 10 | 22 |
| | % | 30,6 | 36,7 | 69,3 | 32,6 | 20,4 | 44,8 |
| Grupo II (36 inquiridos) | N ₂ | 36 | 36 | 36 | 36 | 36 | 36 |
| | n ₂ | 10 | 11 | 18 | 3 | 24 | 16 |
| | % | 27,7 | 30,5 | 50,0 | 8,3 | 66,7 | 44,4 |
| Total (85 inquiridos) | N ₁ +N ₂ | 85 | 85 | 85 | 85 | 85 | 85 |
| | n ₁ +n ₂ | 25 | 29 | 52 | 19 | 34 | 38 |
| | % | 29,2 | 34,1 | 61,1 | 22,3 | 40,0 | 44,7 |
| | | Outros | Rótulos | Interesse nos rótulos por | | | Revista técnica |
| | | | | quantidades | instruções | apreciação | |
| Grupo I (49 inquiridos) | N ₁ | 49 | 49 | 43 | 43 | 43 | 48 |
| | n ₁ | 16 | 16 | 23 | 28 | 26 | 18 |
| | % | 32,6 | 32,6 | 65,1 | 53,4 | 60,5 | 37,5 |
| Grupo II (36 inquiridos) | N ₂ | 36 | 36 | 33 | 33 | 33 | 36 |
| | n ₂ | 10 | 10 | 7 | 16 | 24 | 10 |
| | % | 27,7 | 27,7 | 21,2 | 48,4 | 72,7 | 27,7 |
| Total (85 inquiridos) | N ₁ +N ₂ | 85 | 85 | 76 | 76 | 76 | 84 |
| | n ₁ +n ₂ | 26 | 26 | 30 | 44 | 50 | 28 |
| | % | 30,6 | 30,6 | 76,4 | 57,8 | 65,8 | 33,3 |

Nota: N₁=número de respostas no Grupo I; N₂=número de respostas no Grupo II; n₁=número de casos no Grupo I; n₂=número de casos no Grupo II.

de estudos anteriores⁵⁸ — é prática corrente entre os inquiridos de qualquer dos grupos.⁵⁹

Os poucos agricultores que declaram não ler os “rótulos”⁶⁰ dão explicações que podem enquadrar-se essencialmente em dois tipos: “usam esses produtos há muito” ou, pura e simplesmente “usam poucos químicos”. Só um agricultor declarou, de forma algo ostensiva, que “usava as quantidades que entendia”.

Aquilo que mais interessava os agricultores nesses rótulos tinha, entretanto, diferentes significados: para alguns, interessavam apenas as “quantidades” a utilizar; para outros, as “instruções”, o concreto modo de emprego; finalmente, para outros era a “aplicação” que procuravam entender.⁶¹ Estes últimos, de todos os mais conscientes, falavam de “avaliação da toxicidade”, de “intervalos de segurança”, de “efeitos indesejáveis”. A distribuição das respostas obtidas parece mostrar que, ao contrário de ideias correntemente propaladas, os agricultores são responsáveis na utilização de substâncias perigosas para a saúde e para o ambiente, sendo, portanto, muito provavelmente receptivos a práticas antipoluentes e de preservação da natureza que lhes venham a ser sugeridas.⁶²

O primeiro balanço dos resultados obtidos aponta assim para a relativamente melhor cotação que os agricultores inquiridos têm, enquanto leitores, em compa-

ração, pelo menos, com a situação transcrita de estudos de âmbito nacional. Isto resulta certamente de estarmos a analisar uma população específica, inserida em quadros regionais concretos, abandonando-se desde logo o “carácter redutor dos inquéritos nacionais e a sua *secura estatística*”.⁶³ Mas sobretudo advém de se estar a apreciar a leitura mais inscrita num referencial de uso pragmático, sujeita a influências culturais diversas, que vão da Igreja (caso do boletim paroquial) às forças vivas regionais (caso da imprensa regional e local).⁶⁴

Os agricultores inquiridos não escondem que não são leitores consagrados, mas os números mostram que estão longe de ser “ignorantes”.⁶⁵ É verdade que Portugal viveu, num passado relativamente recente, tempos de um certo obscurantismo, que atingiam sobretudo as regiões rurais.⁶⁶ Mas o processo de democratização da sociedade portuguesa, que remonta aos anos 60, mas que a revolução de 1974 acelerou, embora tendo “partido de níveis muito baixos” de modo que ainda hoje Portugal apresenta níveis de escolarização dos mais baixos e as maiores taxas de analfabetismo da União Europeia, “revela tendências de crescimento acelerado traduzidas numa maior frequência do sistema de ensino e da formação profissional”,⁶⁷ dos quais naturalmente os agricultores, e em especial os mais novos, também não são excluídos.

Rádio, televisão e computador

Pode dizer-se que a rádio foi historicamente um dos grandes veículos que transpôs as barreiras da ruralidade. Nas aldeias, os mais velhos reportam a forma como a chegada do rádio à taberna ou ao café, nos tempos do imediato pós-guerra, fazia acorrer ao local pessoas, normalmente homens e rapazes, que se mobilizavam em torno dos “relatos”, das notícias e das cantigas radiodifundidas. A telefonia “sem fios” foi um novo passo neste percurso.

Destronada pela televisão, mesmo nas aldeias, a rádio tem entretanto descuidado um pouco as suas clientelas rurais, principalmente quanto a programas específicos para os agricultores.

Perguntados sobre eles, 84% dos inquiridos declaram não os ouvir (quadro 5): porque não têm tempo, mas sobretudo porque não conhecem.⁶⁸ Só um dos inquiridos se refere ao horário, demasiado matutino, das emissões.

Dos 17 agricultores que declararam ouvir estes programas só 15 foram capazes de identificar alguns e, mesmo assim, a maior parte deles de uma forma pouco precisa: um deles diz que “ouve a Rádio Renascença” e para três outros o programa agrícola é exclusivamente o “Boletim meteorológico”.⁶⁹ Alguns referem programas concretos de “rádios locais”, a “rádio rural” e o programa “Sol na Eira”, da Antena 1.

Note-se que, apesar de algumas desvantagens que se relacionam com o facto de a informação difundida pela rádio não ser permanente e exigir um certo grau de disciplina por parte do agricultor “para ligar o rádio a horas”,⁷⁰ a verdade é que é amplamente reconhecido, mesmo em países cuja agricultura é tecnologicamente mais avançada, “que a informação radiodifundida tem vantagens por ser imediata, facilmente compreendida e exigir geralmente pouco tempo”.⁷¹

Quadro 5 Outras fontes de informação

| Inquiridos | | Rádio | Televisão | Telejornal | Futebol | Debates políticos |
|-----------------------------|---------------------------------|---------------------------|------------|-------------|---------|-------------------|
| Grupo I (49 inquiridos) | N ₁ | 48 | 49 | 42 | 42 | 42 |
| | n ₁ | 5 | 42 | 42 | 23 | 15 |
| | % | 10,4 | 85,7 | 100 | 54,7 | 35,7 |
| Grupo II (36 inquiridos) | N ₂ | 36 | 36 | 33 | 33 | 33 |
| | n ₂ | 11 | 33 | 32 | 16 | 16 |
| | % | 30,6 | 91,8 | 96,9 | 48,4 | 48,4 |
| Total (85 inquiridos) | N ₁ + N ₂ | 84 | 85 | 75 | 75 | 75 |
| | n ₁ +n ₂ | 16 | 75 | 74 | 39 | 31 |
| | % | 19,0 | 88,2 | 98,7 | 52,0 | 41,3 |
| | | Debates s/ agricultura | Variedades | Telenovelas | Outros | Computador |
| Grupo I (49 inquiridos) | N ₁ | 42 | 42 | 42 | 49 | 49 |
| | n ₁ | 20 | 17 | 19 | 10 | 7 |
| | % | 47,6 | 40,4 | 45,2 | 23,9 | 14,2 |
| Grupo II (36 inquiridos) | N ₂ | 33 | 33 | 33 | 33 | 36 |
| | n ₂ | 13 | 13 | 2 | — | — |
| | % | 39,3 | 39,3 | 6,0 | — | — |
| Total (85 inquiridos) | N ₁ +N ₂ | 75 | 75 | 75 | 75 | 85 |
| | n ₁ +n ₂ | 33 | 30 | 21 | 10 | 7 |
| | % | 44 | 40 | 28 | 13,3 | 8,2 |

Nota: N₁=número de respostas no Grupo I; N₂=número de respostas no Grupo II; n₁=número de casos no Grupo I; n₂=número de casos no Grupo II.

Parece, pois, evidente não se estar, em Portugal, a tirar muito partido deste meio de comunicação para chegar aos agricultores, ou, dito de outro modo, que os agricultores em termos profissionais não tiram actualmente muito partido das emissões de rádio.

Quanto à televisão, ela é a principal fonte de informação dos agricultores inquiridos que têm um grau de adesão ao televisual muito elevado.⁷²

A televisão é entretanto, para a maior parte deles, um meio de difusão cultural absolutamente genérico. Os programas mais seleccionados são o “Telejornal” e os programas de variedades. Debates Políticos são vistos por 32% dos inquiridos, mas quanto aos debates sobre agricultura, a percentagem que consta do quadro 5 não serve para medir o interesse que neles têm os agricultores — são inúmeros os que dizem que não os vêem “porque não os há”... A mesma coisa se poderia dizer em relação aos programas técnicos. O desaparecimento da velha “TV Rural” não encontrou, com continuidade, melhor substituto.

É verdade que um pouco por todo o lado, na UE, se assiste ao declínio dos programas televisivos que têm os agricultores como “grupo-alvo”. Em Inglaterra, por exemplo, em apenas cinco anos⁷³ o número de programas agrícolas desceu de sete para quatro, mas alguns deles foram substituídos por outros mais geralmente virados para as regiões rurais.⁷⁴ Ora nada disso sucedeu entre nós. No pequeno

ecrã, nas horas mais disponíveis, passam sobretudo “variedades” e “telenovelas”: mas a estas os agricultores inquiridos parecem ligar-lhes pouco...⁷⁵

É sobretudo ao nível das questões suscitadas pela política comunitária que “mais falta faz” — dizem os agricultores — uma boa informação: “Só alguns é que sabem das coisas, dos subsídios... Nem a rádio, nem a televisão dizem nada a este respeito”; e, referindo-se à política de preços: “A gente nem sabe o que há-de produzir...”⁷⁶

Sintoma conhecido de uma forma de “acionamento” ou controlo da “procura” nas práticas de atribuição de fundos, este défice de informação é, sem dúvida, um dos aspectos mais pesados do isolamento profissional dos agricultores, em Portugal. Mantidos pelas suas próprias associações no registo da transmissão oral, as restrições que sofrem também advêm da sua fraca militância em prol dos interesses e das práticas associativas.

Por último, uma breve referência ao uso do computador pelos agricultores. 8% dos inquiridos dizem utilizá-lo nas suas explorações, sendo que nenhum deles pertence ao Grupo II. Assim, a percentagem de adesão às técnicas informáticas sobe para 14% no Grupo I, concretizada, de resto, na utilização de *software* com objectivos simultaneamente técnicos⁷⁷ e de gestão.⁷⁸ Isto parece corresponder já a uma fase de consolidação de práticas pouco, mas solidamente, difundidas⁷⁹ — pelo menos em certos segmentos da produção agrícola provavelmente, até, sobre-representados na população inquirida.

No entanto, o recurso a sistemas computadorizados de informação, frequente noutros países,⁸⁰ ainda não toca os agricultores portugueses, que estão muito longe de poder explorar as facilidades que proporciona.

À procura de uma explicação

Do que dissemos acerca dos resultados do inquérito realizado parece decorrer uma primeira conclusão de carácter geral: a de que é grande o défice de informação que, através dos *mass media*, é, entre nós, transmitida aos agricultores — independentemente, mesmo, da maior ou menor capacidade por eles demonstrada na sua utilização.

De facto, ao contrário do que acontece, por exemplo, com a agricultura britânica (e certamente com outras das agriculturas europeias mais avançadas), que está “bem provida de informação, de origem governamental e privada, fornecida através de vários meios”, em Portugal, nem a rádio nem a televisão desenvolveram esforços consistentes de entrosamento nas regiões rurais, para não falar apenas de aspectos puramente agrícolas.⁸¹

De igual modo, quanto à informação transmitida através da escrita, cujos conteúdos talvez enfermem do mesmo distanciamento cultural em relação aos meios rurais e, em particular, aos agricultores, a verdade é que estes parecem estar ainda pouco preparados, ou pouco motivados, para a procurar.

Tentámos encontrar nas características da população inquirida alguma provável explicação para os comportamentos culturais manifestados pelos agricultores, ou melhor, para as relações que mantêm com os diferentes circuitos de informação.

Quadro 6 Leitura de jornais diários segundo a actividade principal (valores em percentagem)

| Práticas de leitura | Actividade principal | | |
|------------------------|----------------------|-------|-------|
| | Agricultura | Outra | Total |
| Não lê jornais diários | 75 | 25 | 100 |
| Lê jornais diários | 48 | 52 | 100 |
| Total | 67 | 33 | 100 |

Quadro 7 Leitura de semanários segundo a actividade principal (valores em percentagem)

| Práticas de leitura | Actividade principal | | |
|---------------------|----------------------|-------|-------|
| | Agricultura | Outra | Total |
| Não lê semanários | 75 | 25 | 100 |
| Lê semanários | 51 | 48 | 100 |
| Total | 67 | 33 | 100 |

Quadro 8 Leitura de jornais e revistas sobre agricultura segundo o regime de actividade na agricultura (valores em percentagem)

| Práticas de leitura | Agricultores | | Total |
|---|--------------------------------|------------------------|-------|
| | Apenas dedicados à agricultura | Com outras actividades | |
| Não lê jornais e revistas sobre agricultura | 75 | 25 | 100 |
| Lê jornais e revistas sobre agricultura | 51 | 48 | 100 |
| Total | 67 | 33 | 100 |

Com este objectivo calculámos os coeficientes de correlação parcial simples para todas as variáveis consideradas.

A análise destes coeficientes não revelou realmente singularidades flagrantes, mas reforçou certas ideias e permitiu que algumas tendências ganhassem segurança.⁸²

Vejamos um pouco melhor.

Quanto às práticas de leitura, confirma-se que os que exercem como “actividade principal a agricultura” têm mais probabilidade de *não* ler “diários” (qua-

dro 6), “semanários” (quadro 7) e “outros”. Estas últimas publicações (que incluem romances, novelas, etc.), as “publicações de carácter socioprofissional”, bem como “diários”, “semanários” e até “livros e revistas sobre agricultura”⁸³ (quadro 8), têm mais probabilidade de ser lidos pelos “agricultores que além da agricultura exercem outra actividade”. A pluriactividade, ou, se quisermos, a agricultura a tempo parcial, surge assim como potencialmente mais bem apetrechada para tirar partido da informação escrita.

A “região” de pertença não parece ter influência, pelo menos em termos da dicotomia proposta, na diferenciação dos comportamentos dos agricultores, excepto talvez no que toca à categoria de impressos a que chamámos “Outros”, menos provavelmente lidos pelos entrevistados nas regiões do interior. No entanto, é aqui que os “rótulos” dos produtos químicos usados na exploração são mais provavelmente lidos, sendo também mais procurada informação relativa à sua correcta “aplicação”. Este facto tem com certeza a ver com a preponderância que, entre os inquiridos desta zona exerce uma população de fruticultores, para a qual as questões relacionadas com fitossanidade mostram naturalmente decisiva importância.

Os mais novos e os que possuem níveis de escolaridade mais elevados têm — o que não é novidade — maior probabilidade de ser melhores leitores.⁸⁴

O facto de haver no agregado familiar filhos com um grau de escolaridade “até ao 12.º ano” induz mais provavelmente às práticas de leitura de “Jornais regionais e locais”; em contrapartida, o facto de haver na família filhos com escolaridades “superiores ao 12.º ano” faz com que os “jornais diários” sejam mais provavelmente lidos. É também neste caso que são provavelmente mais procuradas, nas informações contidas nos rótulos dos produtos químicos usados na exploração, as que se referem à sua correcta “aplicação”. A hipótese de que a literacia dos filhos pode ter alguma influência nas práticas culturais do agregado familiar, nomeadamente nas dos pais, embora não inteiramente comprovada tem assim alguma confirmação.

A dimensão da exploração joga no sentido da dinamização da leitura, excepto no que toca aos “boletins paroquiais”, que têm tanto mais probabilidade de ser lidos quanto mais pequena for a exploração agrícola.

Sistemas de produção predominantemente “pecuários” ou “agro-pecuários” e o “estar filiado numa associação ou cooperativa agrícola” leva a uma maior probabilidade de ler as publicações “profissionais” ou “socioprofissionais”.

Se considerarmos agora a “actividade principal” da exploração agrícola, constata-se que apenas é significativo o caso de serem os “viticultores”, os “fruticultores” e os que se dedicam às “culturas arvenses e outras”⁸⁵ aqueles que tem maior probabilidade de ler “jornais diários”, “semanários” e “textos sobre agricultura”.

Os que se declaram mais especificamente leitores de “revistas técnicas agrícolas” são mais provavelmente recrutados entre os mais novos, os mais escolarizados, os que têm filhos que frequentam estabelecimentos de ensino médio ou superior, os que possuem computador e o utilizam com objectivos simultaneamente técnicos e de gestão, mas este facto está também fortemente associado às duas

primeiras variáveis citadas (idade e escolaridade), que jogam na adesão à utilização de computador exactamente no sentido apontado.

Confirmando, assim, hipóteses que decorrem de trabalhos anteriores, os resultados do estudo realizado mostram a influência de variáveis tais como a idade e a escolaridade na diferenciação das práticas culturais dos agricultores e no tipo de informação que mais frequentemente seleccionam.

Mas faz ressaltar outras igualmente importantes:

- o estatuto socioprofissional do agricultor, ou seja, a sua ligação, exclusiva ou não, ao trabalho da terra;
- a dimensão da exploração;
- o nível de escolaridade dos filhos;
- o sistema de produção posto em prática, ou a especialização em certas actividades produtivas.

Acabámos de ver em que sentido jogam estes factores na diferenciação das práticas culturais e informativas dos agricultores inquiridos.

Sendo o inquérito que realizámos eminentemente exploratório, talvez dele se destaquem algumas orientações úteis a desenvolvimentos posteriores.

Mas um outro dos resultados do nosso trabalho, embora marginal ao objecto de estudo, pode ser também útil salientar.

É o que diz respeito à fraca mobilidade social — aqui exclusivamente avaliada através do nível de escolaridade dos filhos — que se regista na população inquirida. Muito poucos são aqueles que acedem ao ensino médio ou superior, sendo que, na maior parte destes, os pais já tinham também níveis de instrução mais elevados. Na agricultura, pelo menos no que à agricultura familiar diz respeito, mais do que noutros sectores de actividade, as crianças e os jovens são chamados a exercer desde cedo alguns trabalhos na exploração agrícola.⁸⁶ As tarefas escolares das crianças ficam assim “dominadas” pelos trabalhos agrícolas, e é talvez por isso que a convivência das famílias com elas pouco altera as práticas de leitura. Esta situação coloca muitas vezes os filhos de agricultores numa posição diferente da das outras crianças que na escola “estão à mesma, mas que não fazem depois mais nada senão estudar”.⁸⁷ Consequências sobre o seu futuro são inevitáveis. Por outro lado, aptidões que decorrem das experiências concretas que os filhos de agricultores têm ficam, no sistema massificado de ensino existente, largamente inexploradas.

Percursos da imprensa periódica de carácter técnico

Para terminar estas reflexões sobre o relacionamento dos agricultores com a informação, veremos, através da consideração de um caso particular, com que problemas se confronta a imprensa periódica, nomeadamente a de distribuição gratuita, para cumprir os seus propósitos, ou seja, para chegar aos agricultores.

Como vimos no capítulo anterior, tendo estes agricultores uma relação em

geral relutante com a leitura, dizem-se, no entanto, bastante assíduos leitores de livros e revistas agrícolas. Parecem estar, assim, em grande parte receptivos a iniciativas desta natureza. É verdade que não foram muitos os que souberam identificar uma publicação agrícola e que, portanto, uma certa distância vai entre aquilo que dizem e aquilo que fazem.

É provável também que a insuficiência se encontre no lado da oferta, sendo a literatura disponível neste domínio escassa, ou desadequada.

Estudos realizados noutros países mostram, contudo, que paralelamente à influência de vendedores e agentes comerciais, as revistas técnicas de distribuição gratuita desempenham um papel importante na informação agrícola.⁸⁸

Decidimos assim apresentar como um *estudo de caso* uma experiência de divulgação técnica levada a cabo (desde 1973) através de um modelo de revista distribuída gratuitamente com publicidade de marca: a revista *O Sulco* editada, em Portugal, pela Deere & Company. Participámos activamente nesta revista desde o início da sua publicação, o que constitui, numa avaliação que julgamos não excessivamente subjectiva, uma vantagem adicional para ilustrar a forma como se pode chegar, por vezes em várias etapas, aos “públicos agrícolas”.

Uma publicação agrícola de circulação controlada

Pode dizer-se que *O Sulco*, tal como a maior parte das suas congéneres, é uma *publicação agrícola de circulação controlada*, diferindo apenas delas pelo facto de a publicidade difundida se referir a uma só “marca” — que de resto, como referimos, suporta todos os seus custos.

O que a torna relativamente original é a separação absoluta entre as páginas publicitárias e os artigos técnicos nela incluídos, conferindo-lhe a isenção necessária para ser considerada um meio de informação fiável. É assim norma para os autores dos textos técnicos não incluir neles quaisquer elementos que possam parecer publicidade velada.⁸⁹ Deste modo, a revista tem, ao longo do tempo, procurado contribuir para o fortalecimento da consciência profissional dos agricultores, independentemente de serem, ou não, clientes da John Deere.

Não sabemos exactamente quem lê *O Sulco*. Podemos avaliar a sua clientela rural — feita maioritariamente de agricultores (quadro 9),⁹⁰ mas também de técnicos agrícolas, de professores, de notáveis locais — através exclusivamente de quem o recebe. E mesmo assim com alguma imperfeição, já que a informação existente, ainda que regularmente actualizada, tem sofrido alguns transtornos decorrentes de mudanças de concessionário, até à sua actual estabilização na representação ibérica da John Deere.

São cerca de 16.000, em média, as revistas enviadas de cada uma das edições.⁹¹

Como se pode, então, apreciar o relativo impacte desta iniciativa?

Através de duas ordens de factores:

Em primeiro lugar, porque se trata de uma experiência consolidada de divulgação agrícola, presente junto dos agricultores portugueses há mais de duas décadas; e, em segundo lugar, porque temos “sinais” do interesse com que a revista é recebida em vários pontos do país: estamos a falar do número de pedidos de

novos envios; das reclamações por terem deixado de a receber; das solicitações de esclarecimento e mais informação sobre certas matérias, dos pedidos de apoio no planeamento de novas actividades, etc...⁹²

Em nossa opinião, tudo isto resulta da estratégia editorial adoptada, que nos merece algumas considerações no que se segue.

Estratégias de comunicação

A revista é enviada a um conjunto de pessoas no pressuposto de que ou são os próprios os interessados na sua leitura, ou são pessoas bem colocadas para passar a outrem informação útil nela contida. A maior parte dos que a recebem não é sequer cliente da “marca” (quadro 9).

Reconhece-se implicitamente que o processo de tomada de decisões ao nível da empresa agrícola é sempre um processo interactivo, cheio de avanços e recuos, sendo que, na avaliação muito própria que o agricultor faz de todas as situações, a palavra de um amigo ou de uma pessoa considerada é sempre importante. Dito de outro modo, a informação interpessoal, que é obtida na feira, no mercado ou no café, onde o agricultor vai saber preços e escrutinar inovações, é atentamente considerada: entregar a “mensagem” em “boas mãos”, eis o que é importante. A difusão de informação escrita assenta, assim, não só naqueles que são tidos como seus mais prováveis “leitores”, mas também nos que possam ser considerados seus “transmissores” mais fiáveis: uma espécie de aceitação ou de reconhecimento implícito de que afinal também pode dar resultado provocar uma “leitura feita por interposta pessoa”.

Contribuir para uma melhor informação dos agricultores, ainda que essa informação nada tenha a ver com intuitos directamente publicitários, é, de resto, uma aposta frequente nas estratégias comerciais. O desenvolvimento dos conhecimentos técnicos, e até científicos, dos agricultores sempre foi o principal impulsionador de uma transformação tecnológica desejada.

Os *envios* procurarão por isso atingir grupos diversificados de agricultores quer quanto à sua dimensão económica, quer quanto ao tipo de actividades desenvolvidas, por forma a ampliar o eco que a informação difundida venha a ter no mundo da produção.

Apostar nos agricultores médios — com as explorações de 20 a 100 ha a concentrarem 42% dos envios (quadro 10) — sem descurar os pequenos e sem esquecer os grandes parece ser uma opção clara.

Quanto à especialização produtiva (quadro 11), é interessante verificar que são os cultivadores de cereais, logo seguidos dos vicultores e dos produtores de milho e batata, os mais contactados, o que encontra algum eco nas conclusões do inquérito que efectuámos. Mas a diversificação parece ser a norma, numa leitura que reflecte o estado de desenvolvimento tecnológico da agricultura e as projecções de afirmação económica de certos sectores produtivos, em próximos futuros.

Para além da presunção que se faz acerca da “qualidade” dos destinatários da revista, enquanto “leitores” e “difusores” de informação, um extremo cuidado é também posto na selecção dos temas, no tipo de artigos a publicar (deixado de

Quadro 9 Distribuição da revista *O Sulco*

| Distribuição da revista | n | % |
|-------------------------|--------|-------|
| Agricultores | 12.116 | 75,8 |
| Outros | 3.671 | 24,2 |
| Total | 15.987 | 100,0 |
| Clientes | 1.071 | 6,7 |
| Não clientes | 14.916 | 93,3 |
| Total | 15.987 | 100,0 |

Fonte: John Deere Advertising Agency.

Quadro 10 Distribuição da revista *O Sulco* por classes de área das explorações agrícolas

| Classes de área (ha) | n | % |
|----------------------|--------|-------|
| 1-9 | 2.447 | 20,2 |
| 10-19 | 2.014 | 16,6 |
| 20-49 | 4.388 | 36,2 |
| 50-99 | 1.874 | 15,5 |
| Mais de 100 | 1.383 | 11,5 |
| Total | 12.116 | 100,0 |

Fonte: John Deere Advertising Agency.

Quadro 11 Distribuição da revista *O Sulco* segundo as actividades agrícolas praticadas (resposta múltipla)

| Actividades praticadas | n | % |
|------------------------|-------|------|
| Cereais | 8.294 | 68,4 |
| Batata | 2.256 | 18,6 |
| Fruticultura | 1.576 | 13,0 |
| Vinha(*) | 7.754 | 63,9 |
| Leite | 233 | 1,9 |
| Arroz | 466 | 3,8 |
| Milho | 3.900 | 32,2 |

Nota: (*) valor estimado em função de registos de vários anos.

Fonte: John Deere Advertising Agency.

resto largamente ao consenso dos correspondentes nacionais),⁹³ bem como na sua apresentação, recobrando também assim as questões decorrentes da *linguagem*, em sentido lato, utilizada.

Documentação fotográfica de boa qualidade é sempre desejável, sendo que uma boa fotografia pode conter mais e melhor informação do que uma série de palavras.

Os artigos técnicos não são, no entanto, meros documentos fotográficos, recobrem um vasto leque de formas, que vão da “reportagem temática” com recurso a fontes múltiplas aos artigos de “actualidade”⁹⁴ e de “tendência”, para, por último, poderem revestir a forma de “artigos pesquisa”, envolvendo uma investigação cuidada e o recurso a especialistas. Fazer artigos em ligação com experiências concretas desenvolvidas por agricultores fornece também, muitas vezes, uma linha motivadora da leitura que é importante estimular. A intenção de partir para uma “pesquisa no terreno” não é, no entanto a de encontrar um exemplo “qualquer”, mas a de ilustrar um aspecto “preciso” de um certo tema. Assim se procura responder àquilo que, numa avaliação *ex ante*, parecem ser, em múltiplos domínios, as interrogações dos agricultores.

O editor de *The Furrow* escrevia em meados da década de 70: “Há 74 anos que [a revista] é lida com interesse pelos agricultores. É uma das publicações mais antigas do país.” E acrescentava... “O agricultor reserva-lhe o lugar que se concede a um velho amigo.”

É desta proximidade — e importa retê-lo — que se alimenta o sucesso da difusão de informação junto de todos os públicos, e muito em especial, dos agricultores.

Conclusão

Uma rápida revisão de conjunto dos três capítulos ao longo dos quais o presente texto evoluiu, e uma memorização, também rápida, das conclusões parciais já apresentadas em cada um, permite encontrar algumas respostas para as questões inicialmente colocadas.

Em primeiro lugar, se realmente se confirma como pouco activa a relação dos agricultores com a leitura, não se identifica uma generalizada ausência de ler em todos quantos estão ligados à exploração agrícola.

Os mais novos, os mais escolarizados e aqueles que, além da agricultura, estão ligados profissionalmente a outras actividades têm maior probabilidade de ser melhores leitores; mas também contam as características (dimensão e tecnologia) da exploração, desenhando-se maior propensão para a leitura nas explorações maiores e nas que se dedicam a certas actividades, com perfis específicos consoante a orientação dominante do sistema de produção posto em prática.

Também tem importância considerar o conteúdo dos impressos lidos, que pode gerar uma maior apetência dos agricultores para os consultar: temas técnicos ou regionais serão generalizadamente chamativos, mas certos conteúdos ou formatos atrairão mais leitores em dadas regiões, em certos estratos etários ou níveis de instrução.

A relação dos agricultores com outros meios de comunicação social é, por outro lado, em termos profissionais bastante carente, mais por força dos mecanismos subjacentes à oferta do que por deliberado desinteresse da procura.

Nem a rádio nem a televisão, mas sobretudo esta última, que parece ser a mais sólida ligação do mundo rural a tudo o que lhe é exterior, fornecem ao agricultor qualquer estímulo profissional, ou sequer alguma base para um reconhecimento cultural efectivo da sua diversa identidade.

Num último ponto discutiram-se algumas formas de fazer chegar ao agricultor informação útil através da escrita, utilizando frequentemente circuitos mistos em que contam muito as relações interpessoais do leitor com outros, e em que se faz apelo a certo tipo de mensagens ligadas a experiências concretas, ao debate de questões de actualidade, ao recurso a fontes múltiplas, ou à apresentação de resultados de pesquisas aplicadas a questões agrícolas.

Falámos de informação “passiva”, bem entendido, e não da que o agricultor activamente procura junto das direcções regionais de agricultura, de outras instituições a que os agricultores frequentemente recorrem, do veterinário que trata do seu gado, dos agentes comerciais com quem contacta.

Para todos estes importantes agentes da intermediação técnica, económica e cultural haveria que encontrar novos meios de difusão da informação que se constituíssem em veículo de permanente actualização e reciclagem. Parece-nos que não existem ou que são precários, mas não temos, de momento, forma de o confirmar.

Em todo o caso, podemos dizer que, como mostram estudos regionais levados a cabo em França,⁹⁵ não é nas zonas onde há menos agricultores, onde se encontram mais diplomados, ou onde as condições geográficas parecem facilitar uma maior abertura às práticas culturais, que as pessoas lêem mais. É na reactivação das práticas de leitura, nos programas de desenvolvimento e animação local, na descoberta de novos suportes da palavra escrita e de fontes alternativas de informação que parece residir o segredo da revitalização cultural dos campos.

Notas

- 1 Este texto é dedicado à memória do Eng.º João Marques de Almeida, que me fez reflectir sobre as formas de comunicar com os agricultores e através de quem inicie (em 1973) uma continuada colaboração com a revista *O Sulco*. Lembro, nele, o Investigador que não descurou a necessidade de divulgar amplamente as aquisições da ciência.
- 2 Instituto Superior de Agronomia, 1995: por motivos pessoais, esse texto não chegou a ser apresentado.
- 3 In Benavente (coord.) *et al.*, 1996.
- 4 K. Follett, em entrevista aos jornais (Janeiro de 1998).
- 5 Fearn e Ritson, 1989.
- 6 Ladefroux *et al.*, 1995.
- 7 Esta informação, em rigor, abrange duas categorias diferentes: a *informação sobre os mercados* e a *informação técnico-económica*, mais ligada à transformação tecnológica;

- e pode também envolver diferentes formas de inscrição temporal — a *curto*, *médio* ou *longo prazo* — consoante o alcance das projecções que permite fazer.
- 8 Ladefroux *et al.*, *op cit.*
- 9 Benavente (coord.) *et al.*, *op. cit.*, 1996.
- 10 Procurando “articular de forma produtiva a análise extensiva de padrões quantificados e a análise qualitativa de padrões contextualizados”.
- 11 O *nível 0* corresponde à “ausência de capacidade para resolver as tarefas propostas”; o *nível 4* diz respeito às tarefas mais exigentes de toda a prova, “implicando a capacidade de processamento e integração de informação múltipla em textos complexos, a realização de inferências de grau elevado, a resolução de problemas e a eventual mobilização de conhecimentos próprios”, *op. cit.*
- 12 Benavente (coord.) *et al.*, *op. cit.*, 1996.
- 13 *Idem.*
- 14 “Agricultores e literacia: relação com a informação institucional e vida quotidiana no Centro Litoral”, por H. C. Dias, *in* Benavente (coord.) *et al.*, *op. cit.*, 1996.
- 15 Em 1989 e 1995 (v. Freitas *et al.*, 1992; e Freitas *et al.*, 1997).
- 16 Toda a informação contida na secção que se segue se encontra reportada no texto de E. Freitas e M. L. Lima dos Santos *Os Hábitos de Leitura dos Portugueses*, 1992, *op cit.*, que, portanto, nos abtemos de estar constantemente a referenciar. O único trabalho que tivemos foi o de nele “repescar” a informação relativa ao grupo socioprofissional dos agricultores, descontextualizando-a assim, quase sempre, da comparação com outros grupos a que, no entanto, nos referimos sempre que tal se afigure relevante.
- 17 “Mais de 20 livros lidos no último ano.”
- 18 83% dos agricultores inquiridos estão neste caso.
- 19 35% dizem ler diários e 23% semanários.
- 20 Estas revistas, entretanto, em conjunto com as dedicadas à gestão de negócios, políticas e literárias, recrutam públicos exíguos em todas as categorias socioprofissionais. 3% dos agricultores dizem ler “revistas de actualidades e música”, que são as de mais largo espectro de secções; 5% lêem “revistas de fotonovelas e *faits divers*”.
- 21 Os mais baixos da escala de todas as profissões, cinco pontos percentuais abaixo dos trabalhadores da segurança e domésticos.
- 22 Só 26% de agricultores dizem ir a livrarias contra percentagens de 31% e 32% registadas, respectivamente, entre os operários e as domésticas, e a uma considerável distância de todos os outros grupos socioprofissionais.
- 23 Passaremos agora a citar os resultados insertos em Freitas *et al.*, 1997, *op. cit.*, que por comodidade de exposição nos abtemos também de estar constantemente a referenciar.
- 24 34% dizem também ouvir música todos os dias.
- 25 64% do total dizem “raramente ou nunca” ler revistas.
- 26 Onde 79% dos inquiridos “raramente ou nunca vão”.
- 27 Que 86% não frequentam.
- 28 Definido em função do comportamento dos pais do inquirido face ao livro e às práticas de leitura.
- 29 Freitas *et. al.*, 1997, *op. cil.*

- 30 Correlacionada, de resto, com outras variáveis explicativas, tais como a idade e o grau de instrução.
- 31 Do próprio e dos filhos, no pressuposto de que o prosseguimento dos estudos por parte dos mais próximos descendentes pode influenciar as práticas de leitura no agregado familiar.
- 32 Se a agricultura era a sua “actividade principal” ou se tinha outras actividades.
- 33 Ou seja, a área da exploração agrícola e as actividades nela praticadas, em especial a que é considerada actividade principal.
- 34 Metodologia utilizada em estudos levados a cabo em universidades inglesas.
- 35 Das disciplinas Gestão da Empresa Agrícola e Análise de Programas e Projectos.
- 36 Cobrindo, à excepção de uma (o Algarve), todas as direcções regionais de agricultura.
- 37 A disponibilidade demonstrada pela coordenadora de Área Educativa da Beira Interior, Dr. Maria Manuel Viana, permitiu a realização deste inquérito em várias freguesias dos concelhos de Belmonte, Covilhã, Fundão, Penamacor e Proença-a-Nova. Contou-se com a participação de três agentes de acção local.
- 38 Sempre que os apuramentos se tiverem feito separadamente, para cada um dos grupos considerados, referir-nos-emos abreviadamente a estes de acordo com esta convenção.
- 39 Consideraram-se cinco categorias, começando pelo nível mais baixo que abrangia casos em que o inquirido “sabia ler alguma coisa” mas não concluíra qualquer grau formal de ensino. Seguiu-se-lhe o ensino primário, o básico, o secundário e, por último, os médio e superior.
- 40 Cinco frequentam o Sistema de Educação de Adultos.
- 41 Dentre eles, nove disseram não ler nada e, nos restantes, a leitura limitava-se a “alguma coisa sobre a agricultura” e às “instruções” contidas nos rótulos dos produtos que utilizavam. Se, em todo o caso, quiséssemos saber alguma coisa a seu respeito, diríamos: que estavam maioritariamente incluídos no Grupo II dos inquiridos proveniente de uma população pouco alfabetizada (só 3, destes 15, pertenciam ao Grupo I, tendo sido inquiridos em Entre Douro e Minho, em Trás-os-Montes e no Alentejo); que se tratava de agricultores de idades compreendidas entre os 61 e os 81 anos de idade sem outra actividade além da actividade agrícola e com explorações compreendidas entre os 0,5 e os 82 ha, sendo a área média por exploração de 12 ha e o valor mais frequente 2 ha (a exiguidade das áreas agrícolas declaradas por grande número deles, conjugada com a idade que tinham, leva-nos a considerar provável tratar-se, em alguns casos, de pensionistas ou reformados da Segurança Social); que as actividades agrícolas estavam predominantemente inscritas em sistemas de produção tradicionais; e, finalmente, que se tratava de casais cujos filhos, com uma única excepção, se tinham ficado pelos níveis de instrução mais elementares.
- 42 Só três viam telenovelas, quatro debates políticos e dois debates agrícolas.
- 43 Este enviesamento regional era esperado devido à opção feita quanto à forma de amostragem utilizada.
- 44 Utilizámos, por vezes, como sinónimo desta situação a expressão “ser agricultor a título principal”, embora esta última expressão tenha, na terminologia das ajudas europeias, um significado mais preciso.
- 45 1% no Grupo I, mas apenas 31% no II, no qual a agricultura era actividade profissional dominante.

- 46 Idade superior a 65 anos.
- 47 Percentagens de 24% *versus* 23%, no primeiro caso, e, no segundo, de 17% *versus* 11%.
- 48 Variando entre um mínimo de 22 anos e um máximo de 73.
- 49 Variando entre 27 e 78 anos.
- 50 Neste caso, estavam 13 dos inquiridos no Grupo I.
- 51 Variando entre 1 ha e 820 ha.
- 52 Desvio padrão: 153,29, no Grupo I, e 23,32, no Grupo II.
- 53 Sendo que este valor pode estar empolado pelo facto de grande parte dos jornais regionais ou locais serem também semanários, não se tendo explicitamente esclarecido junto de todos os inquiridos que se tratava aqui de semanários produzidos a nível nacional.
- 54 São citados boletins de associações profissionais, publicações de marca, e revistas mais gerais, sendo a publicação mais citada *O Correio Agrícola*.
- 55 Interessando 67% dos inquiridos.
- 56 Sendo particularmente baixa no Grupo II (6% dos inquiridos).
- 57 Que frequentava um curso de alfabetização. Sublinhado nosso.
- 58 Dias, H. C., *in* Benavente (coord.) *et al.*, *op. cit.*, 1996.
- 59 É provável que um factor de acrescida vigilância na manipulação destes produtos advenha do facto de, por acidente ou por vontade própria, serem muito frequentes em meio rural as ocorrências mortais por má utilização ou ingestão dos mesmos.
- 60 Mesmo no grupo dos “iletrados”, a maior parte fazia questão de dizer que se informava sobre o assunto: “perguntavam” ou “confiavam” no vendedor, “pediam a alguém que lesse” ou “usavam sempre os mesmos”.
- 61 A resposta dada por um agricultor podia ser classificada em mais do que um destes casos, pelo que a soma das percentagens é, obviamente, maior que 100.
- 62 Isto depende muito das actividades praticadas. Por exemplo, entre os orizicultores do vale do Mondengo, ou os fruticultores do Oeste, o recurso a pesticidas, herbicidas, etc., é encarado como algo de “inevitável”. Um agricultor do vale do Mondego dizia, com algum dramatismo, que pensava muito nessas coisas: “Parecia-lhe que a escolha era entre o não produzir nada e o envenenar-se lentamente” — o que espelha bem as dificuldades de uma agricultura “não convencional” em dados sistemas de produção.
- 63 Ladefroux, *op cit.*
- 64 Na sua monografia sobre uma freguesia agrícola do Oeste, Helena Dias também refere: “Se são de facto os jornais regionais que preferencialmente despertam o interesse dos agricultores, é porque não só são um tipo de publicação mais acessível, como os conteúdos escritos sobre os quais versam são familiares a quem os lê. Trata-se, deste modo, de equacionar a maior ou menor distância do agricultor em relação ao universo social dos conteúdos lidos”, v. Dias, H. C., *in* Benavente (coord.) *et al.*, *op. cit.*, 1996.
- 65 No sentido em que Voltaire, no Século das Luzes, se referia aos que trabalhavam a terra: “Envoyez-moi ces frères ignorants pour conduire mes charrues et pour les ateller”, *in* *Histoire de la France rurale* (dir. de Georges Duby e A. Wallon) e também citado por Ladefroux, *op. cit.*

- 66 Exactlymente no mesmo sentido contido na expressão de Voltaire, refira-se o caso de um proprietário (Beira Interior — final da década de 40) que, ao recrutar um novo assalariado, lhe perguntava se ele sabia ler: se a resposta era afirmativa, o comentário era sempre: “Olha que não é lá grande coisa...” (em entrevista, 1997)
- 67 Ver Freitas *et al.*, *op. cit.*
- 68 Com percentagens de 24% e 32%, respectivamente.
- 69 Note-se que, em Inglaterra, Fearn e Ritson reportam que os agricultores são bastante receptivos à informação difundida pela rádio, principalmente no que diz respeito à informação sobre preços e mercados, mas também quanto à meteorologia. Os mais novos também dizem lamentar que as emissões sejam tão cedo.
- 70 Thomson, 1977 (cit. por Fearn e Ritson *et al.*, *op. cit.*
- 71 Fearn e Ritson., *op. cit.*
- 72 Em especial os do Grupo II, exactamente os que menos lêem.
- 73 Fearn e Ritson, *op. cit.*
- 74 Caso do programa “Farming”, da BBC, que foi substituído, em 1986, por um outro designado “Country File”.
- 75 É provável que sejam sobretudo “clientes” delas a população feminina e os mais novos.
- 76 Notas de entrevistas (1997).
- 77 Gestão de efectivos, Gestão de *stocks*, etc. .
- 78 Contabilidade e gestão. Só dois agricultores utilizavam o computador exclusivamente com este fim.
- 79 Exactlymente como aconteceu em Inglaterra, no final dos anos 80 (v. Fearn e Ritson, *op. cit.*).
- 80 Ver Fearn e Ritson, *op. cit.*
- 81 Fearn e Ritson, *op. cit.*
- 82 No que se segue, destacamos apenas as relações para as quais o coeficiente de correlação parcial simples é, em módulo, superior a 0,2. Poderia, para todos estes casos, apresenta-se os quadros de frequências condicionadas em apoio dos comentários insertos nos parágrafos subsequentes. Por imperativos de contenção da dimensão do texto, não nos pareceu necessário fazê-lo. Esses quadros, bem como a matriz dos coeficientes de correlação calculados, podem ser consultados, em documento interno, no Departamento de Economia Agrária e Sociologia Rural do ISA. Em todo o caso, incluem-se em anexo, a título de exemplo, alguns destes quadros (quadros 6, 7 e 8).
- 83 $r=0,18$ no que diz respeito a “diários” e $r=0,19$ para “semanários” e “textos sobre agricultura”.
- 84 Os “boletins paroquiais” parecem ser por eles menos provavelmente lidos.
- 85 Incluindo as culturas do milho e da batata.
- 86 Que é preciso, em todo o caso, saber distinguir da “exploração do trabalho infantil”.
- 87 Entrevista realizada a uma família de agricultores (1997).
- 88 Fearn e Ritson, *op. cit.*; John Deere Advertising Centre.
- 89 Uma coisa é o leitor saber muito bem que a principal finalidade da revista é vender tractores e máquinas *John Deere*; outra é ele poder acreditar na correcção redactorial dos artigos técnicos, cujo objectivo é facultar ao agricultor uma boa informação do ponto de vista técnico.

- 90 Quero agradecer à John Deere Advertising Agency, em especial a Jean-Claude Hiron, com quem tenho mantido ao longo do tempo uma colaboração sempre estimulante, toda a informação facultada.
- 91 Actualmente são editados quatro números por ano, mas inicialmente a revista era bimensal.
- 92 Esses pedidos chegam, às vezes, directamente ao Instituto Superior de Agronomia, mas noutros casos são dirigidos ao concessionário.
- 93 Existem várias publicações europeias (*Le Sillon, The Furrow, Flur und Furche, Campo y Mecanica, O Sulco*), editadas pelo European Advertising Center.
- 94 Que não se confunde com os artigos “novidade”, tão frequentemente explorados por revistas semelhantes, mas que por vezes reportam técnicas ainda pouco consolidadas, que é preciso olhar com prudência.
- 95 Ladefroux, *op. cit.*

Referências bibliográficas

- Benavente, Ana (coord.), Alexandre Rosa, António Firmino da Costa e Patrícia Ávila (1996), *A Literacia em Portugal. Resultados de uma Pesquisa Extensiva e Monográfica*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, Conselho Nacional de Educação.
- Fearne, Andrew, e Christopher Ritson (1989), *Communication in Agriculture*, Department of Agricultural Economics and Food Marketing, University of Newcastle Upon Tyne — Royal Agricultural Society of England, Newcastle Upon Tyne.
- Freitas, Eduardo, e Maria de Lourdes Lima dos Santos (1992), *Os Hábitos de Leitura dos Portugueses*, Lisboa, Publicações Dom Quixote.
- Freitas, Eduardo, José Luís Casanova e Nuno Almeida Alves (1997), *Hábitos de Leitura. Um Inquérito à População Portuguesa*, Lisboa, Publicações Dom Quixote.
- Jonh Deere Advertising Agency (documentos não publicados), 1995.
- Ladefroux, Raymonde, Michèle Petit e Claude-Michèle Gardien (1993), *Lectures en campagnes*, Paris, Ed. Centre Georges Pompidou.

Inês Mansinho, agrónoma, professora auxiliar no Instituto Superior de Agronomia.
Email: imansinho@isa.utl.pt